

# A universidade concorre com a mídia\*

Ivana Bentes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Com o aumento da velocidade de circulação das informações, cresce a demanda por educadores preparados para desenvolver o senso analítico da população. Necessidade de preparar uma alfabetização audiovisual dirigida a universitários e não-letrados para formar cidadãos capazes de extrair do excesso de informações um pensamento ou uma ação.

Vivemos num momento crucial de redefinição e transformação do papel das instituições de ensino na cultura contemporânea. Redefinição que surge do confronto e da aliança do ensino com as tecnologias da comunicação: a televisão, o vídeo, passando pelas redes eletrônicas, como a Internet.

Hoje, o acesso à informação, pelo menos para uma certa classe social, torna-se cada vez mais fácil e diversificado. Experimentamos uma precipitação, uma aceleração, um aumento na velocidade de circulação das informações.

No contexto brasileiro essa mudança se dá a partir de realidades distintas. De um lado uma população cuja cultura, educação e informação é basicamente oral e audiovisual e que tem um acesso restrito à informação. De outro lado, uma elite, econômica, cultural,

que sofre não pela falta de informação, mas pelo excesso, pela impossibilidade de decodificar e assimilar a quantidade de dados que recebe.

Em relação às classes menos privilegiadas a disseminação da informação se dá quase que exclusivamente através do rádio e televisão, mídias populares que atingem diretamente essas classes. Temos aqui uma cultura oral e audiovisual que vem substituindo a formação escolar clássica, letrada.

Essa informação oral/audiovisual está plugging uma massa de analfabetos ou “oralistas” a um sistema de informação fragmentado e complexo, vivo, que pode ser, ao mesmo tempo, muito sofisticado e limitado.

Hoje, segmentos inteiros da sociedade têm no rádio, nas narrativas radiofônicas e no audiovisual, nas informações vindas da TV, no folhetim eletrônico, a sua fonte principal de educação e formação.

A palavra analfabetismo, que designa o contingente de pessoas que não dominam a cultura letrada, não parece um bom conceito para expressar a falta de domínio da cultura midiática, oral e audiovisual, que forma toda uma parte da nossa população.

As rádios comunitárias, os trabalhos com vídeo e televisão junto a essas populações não-letradas têm apontado para uma realidade aparentemente paradoxal: a existência

---

\*Texto publicado na Revista Lumina da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (Facom/UFJF) - v.1, n.1, p.77-84, jul./dez. 1998

de populações e comunidades inteiras inseridas na cultura midiática, oral e audiovisual, formados, informados e deformados por essa cultura midiática, os não letrados da era da informação. Populações que podem chegar a um nível sofisticado de elaboração dessas informações recebidas pela mídia, às populações não-letradas, quanto de uma forma mais ampla, no contexto da cultura letrada mais sofisticada, como é o ambiente universitário.

E aqui voltamos ao nosso enunciado inicial. De que hoje, tão grave quanto a falta de informação, é o excesso de informações. O excesso de informações descontextualizadas, excesso de informações fragmentadas e que não se pode ou não se consegue concatenar, ou dar sentido, e que atinge de forma diferenciada desde a população mais carente até os setores mais privilegiados da sociedade.

A cultura midiática é hoje a base comum que forma desde o filho do favelado ao jovem universitário que entrou para um curso superior. De certa forma, poderíamos dizer que, hoje, a mídia toma para si as funções que já foram da Escola, dos Educadores e da própria Universidade e tem um papel, gostemos ou não, decisivo na formação dessas novas gerações.

Com uma linguagem sedutora e veloz, essa cultura midiática impõe novos condicionamentos e formas de percepção e conhecimento. A questão é saber como a escola e a universidade se relacionam com esse novo cenário? Sabendo do descompasso da Educação frente a essa nova realidade.

Temos, por um lado uma cultura midiática veloz, predadora, virótica, em alta rotatividade e mutação que produz uma certa vertigem de informação e saturação e por outro lado uma cultura letrada, analítica, reflexiva, menos veloz, que tenta dar conta, ex-

plicar, pensar, analisar esse cenário. Onde essas culturas se cruzam, o que as diferencia e como elas podem se potencializar?

Que tipo de mudança e transformação são necessárias para que a Escola, a Universidade, ainda possam garantir um papel fundamental de re-significação, desaceleração e decodificação frente ao excesso de informação?

É comum encontrarmos nas universidades uma cultura de “reação” à mídia como usurpadora do lugar do professor, numa espécie de tentativa de legitimar a função da universidade, como “margem” do midiático. O que a mídia coloca em questão é o papel do professor e do ensino universitário como lugar privilegiado e único de formação e informação. Sabemos da especificidade de cada um, trata-se de discursos que podem estar em confronto, cruzamento ou em sintonia. Mas em nenhum caso há lugar para maniqueísmos ou a já banalizada posição “nós” e “eles”, posição reativa que condena a universidade a um “isolamento” diante dos desafios contemporâneos.

Como nos integrar ao fluxo da informação, à velocidade da informação, sem nos “desintegrarmos”, sem criar uma Escola ou Universidade que seja simplesmente um decalque da mídia sem a mesma eficiência ou poder de sedução?

Como pensar o uso do audiovisual e da informática na Educação a partir de outras bases que não a de simples “facilitadores” de conteúdos mas como nova metodologia e campo de problemas a ser pensado?

É isso que os professores universitários que ainda trabalham usando “velhas” tecnologias como o quadro negro, o giz e a retórica se perguntam bastante aflitos. Diante de uma sala lotada com quarenta alunos, o

professor, de quem se espera que preencha esse espaço com seu corpo, sua voz, sua presença, tem que ser, cada vez, mais um performer, sob pena de tornar-se uma figura obsoleta, mesmo que o seu saber seja legítimo. A capacidade de concentração, de memória e de interesse de alguém sentado numa plateia e em silêncio por mais de 40 minutos é cada vez menor. Aqui, nova reação, o professor reage dizendo que aula não é espetáculo, nem a função do professor confunde-se com “entretenimento”.

O contexto atual é um cenário de transição, onde convivem um modelo clássico de ensino e educação - baseado em parte na performance do professor e no princípio de que este é uma espécie de sujeito suposto saber, uma espécie de “banco de dados” humano e limitado - e, num outro extremo, um nascente sistema de educação e ensino diferenciados, onde o professor é um “orientador”, “organizador” de conteúdos e informações fragmentadas, alguém que cria novos significados, re-significa o campo da informação nômade. Ensino da “lógica”, das estruturas de percepção e pensamento e não dos conteúdos, que tem como base a disseminação das tecnologias da comunicação, com seus bancos virtualmente infinitos de dados, fatos e conteúdos. As redes eletrônicas de comunicação tornam-se neste cenário um fator de transformação radical tanto do perfil do professor e do educador quanto da estrutura do ensino tradicional.

As redes eletrônicas de informação, como a Internet, servem, hoje, mais à pesquisa e ao entretenimento do que ao ensino “sistemizado”. As redes eletrônicas ainda não são, na maioria das universidades brasileiras, uma realidade no ensino. Não estão na sala de aula. Mas as primeiras experiências

nesse sentido, em disciplinas isoladas, apontam para algumas mudanças importantes.

Ao contrário do que acontece nas ciências ditas duras, constatamos que nas ciências humanas, a pesquisa e o ensino ainda se sustentam sobre o trabalho e a inteligência individuais. É muito raro encontrar pesquisas realmente integradas e trabalhos coletivos na universidade.

O individualismo, a autoria, a pesquisa e o brilho pessoal ainda se sobrepõem ao que poderíamos chamar de uma inteligência do coletivo ou do social.

É muito difícil, é um exercício da diferença, pensar de forma coletiva, como nossos colegas da física, da indústria ou da medicina que se debruçam sobre uma mesma questão de forma exaustiva e sinérgica.

A universidade ainda aposta mais na individualidade do que nesse coletivo. E nisso ela reflete uma certa crença mais ampla da sociedade que esvaziou o social e o coletivo em nome de um certo individualismo soberano.

O uso das redes eletrônicas é um primeiro passo para essa conversão ao coletivo, que só aparece no calor do confronto e da convergência de problemas, idéias, criações.

As redes eletrônicas eliminam a distância física entre educadores, pesquisadores de diferentes instituições, diferentes áreas, diferentes países e regiões, sem acabar com as diferenças e especificidades de cada saber ou realidade. Proporcionam a realização de algo que conceitualmente chamamos de uma cultura e de um saber transdisciplinar, capaz de agrupar a partir de questões e problemas comuns uma série de perspectivas singulares.

A universidade e o ensino tradicionais ainda se estruturam a partir de uma divisão

de saberes e disciplinas estanques que reflete o modelo industrial do século XIX, a divisão da linha de montagem industrial em que um setor parece isolado e independente do outro no processo de produção.

Em contraposição a esse modelo industrial podemos pensar as redes eletrônicas como um fluxo ou organismo vivo, variável, mutante, que se modifica e se atualiza incessantemente fazendo circular os mais diferentes saberes, do mais prosaico ao mais especializado de um modo que nunca foi tão veloz, virótico e acessível.

Hoje, podemos usar uma rede como a Internet para recensearmos tanto o conhecimento mais consolidado e enciclopédico quanto a última novidade ou pesquisa numa área hiper-especializada.

É essa circulação indiferenciada de informações, esse nomadismo dos saberes que proporciona hoje uma redefinição radical dos campos de conhecimento e que coloca juntos, na pesquisa e no ensino, na produção de conhecimento, filósofos, artistas e cientistas, urbanistas, educadores, comunicólogos.

As redes eletrônicas nos dão a dimensão da verdadeira vertigem, excesso e saturação de informações na qual estamos mergulhados.

A questão que se coloca é como arrancar desse lixo informacional, desse verdadeiro esgoto público das imagens e das informações que constitui as velhas e novas mídias, algo de diferencial. Como absorver, decodificar, processar tantas informações descontextualizadas ou contraditórias?

Como entrar nas redes eletrônicas para pesquisar, ensinar, aprender? As experiências nessas áreas, as Universidades On-line, os cursos oferecidos pela rede ainda não encontraram esse diferencial, essa especifici-

dade do meio, que da mesma forma que libera o ensino do professor performático e teatral, ao vivo e em cores, não prescinde dele como analista da informação, como decifrador e decodificador de signos.

A partir do momento em que o conhecimento factual, os livros, os bancos de dados, de datas e de história tornam-se cada vez mais completos, abrangentes, acessíveis, o professor é liberado de uma antiga e equivocada função de repetidor de conhecimentos adquiridos e consolidados. O saber enciclopédico de repetição.

A educação, a pesquisa e o ensino sempre tiveram outra função e outras aventuras que não esse conhecimento cumulativo. Diante das novas tecnologias de armazenamento e cruzamentos de dados, de busca veloz da informação, resta ao ensino, à universidade, mais do que nunca, assumir sua função de formadora - não de mão-de-obra especializada para o mercado, isso qualquer curso técnico pode fazer em poucos meses - mas formar analistas simbólicos, pessoas, cidadãos capazes de interagir, de se movimentar, de decodificar essas informações, de extrair desse excesso de informações um pensamento ou uma ação.

Não se trata mais de ensinar uma profissão, porque ela pode deixar de existir em três anos, mas formar sujeitos capazes de se reciclar e mudar de profissão duas, três, quatro vezes ao longo da sua vida profissional e de sua existência.

Hoje não basta estar informado e ter acesso aos info-circuitos, isso a cultura midiática se encarrega de fazer e o faz relativamente bem. A questão hoje é romper, quebrar a informação do seu interior, produzir uma informação qualificada na mídia ou uma recepção da informação diferenciada e sele-

tiva, elaborar a informação. Saber se posicionar diante da informação que é a mercadorria literalmente e simbolicamente mais valorizada da cultura contemporânea.

Da mesma forma que nós temos uma política para a saúde, para a cidade, é preciso urgentemente pensar o que seria uma política da informação e até mesmo uma ecologia da informação, como propõe o filósofo Félix Guattari, no sentido de nos desintoxicarmos da poluição informacional e criarmos um consumo seletivo e re-significador da informação.

A informação não é um problema da mídia ou dos jornalistas. A informação é um problema de formadores, educadores e pensadores. Se hoje, as universidades são lugares privilegiados de “convivência” em territórios reais de uma seleta comunidade, a Universidade On-line torna-se uma necessidade de reconfiguração desse território que se abre sobre virtualidades inexploradas.